

## LINGUAGEM, CETICISMO E ENSAIO EM MICHEL DE MONTAIGNE<sup>273</sup>

Federico Uanini<sup>274</sup>

**Resumo:** O objetivo do nosso trabalho é assinalar o vínculo entre linguagem, literatura e pirronismo na obra de Michel de Montaigne. Em um primeiro momento, exibiremos as considerações que o ceticismo pirrônico realizou sobre a linguagem, a precipitação e a imperturbabilidade da alma. Em um segundo momento, daremos conta de como Montaigne recebeu as problematizações céticas sobre a linguagem graças a leitura de fontes como Diógenes Laércio e Sexto Empírico, e como as emprega no debate contra os protestantes. Para finalizar, argumentamos que Montaigne reinterpreta e se distancia do cuidado pirrônico, dando início a uma nova forma de entender o vínculo entre linguagem, escrita e ceticismo: o gênero ensaístico.

**Palavras-chave:** Montaigne, ceticismo, linguagem, *Os Ensaíos*.

**Abstract:** The aim of this paper is to highlight the connection between language, literature, and Pyrrhonism in the work of Michel de Montaigne. To this end, we will first outline the Pyrrhonian skeptical reflections on language, rash judgment, and the imperturbability of the soul. In a second stage, we will show how Montaigne appropriates the skeptical problematization of language—drawing on sources such as Diogenes Laertius and Sextus Empiricus—and how he employs this critical attitude in his polemic against the Protestants. Finally, we will argue that Montaigne reinterprets and distances himself from the Pyrrhonian stance, thus inaugurating a novel way of conceiving the relationship between language, writing, and skepticism: the essayistic genre.

**Keywords:** Montaigne, skepticism, language, *The Essay*.

### Introdução

<sup>273</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nivel Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001*.

<sup>274</sup> Licenciado em Filosofia (FFyH-UNC) e doutorando em filosofia (FFyH-UNC), orientado por dra. Guadalupe Reinoso (Conicet – SeCyT/UNC) e coorientado por dr. Fernando Bahr (Conicet – Instituto de Filosofía Ezequiel de Olaso (INEO)). É membro do grupo de investigação “Actualizaciones del neopirronismo: el legado del escepticismo griego en la filosofía moderna y contemporánea”, atribuído às cadeiras de Filosofia Medieval I (FFyH-UNC) e Metafísica II (FFyH-UNC) e bolsista Conicet e Capes (programa “Move la América”). Seus temas de pesquisa estão relacionados à recepção pirrônica em Michel de Montaigne. E-mail: [fedel1235@gmail.com](mailto:fedel1235@gmail.com).

Em nosso trabalho, exibiremos o vínculo entre linguagem, literatura e ceticismo pirrônico na obra de Michel de Montaigne. Para isso, em um primeiro momento, reconstruiremos as considerações que o ceticismo pirrônico realizou sobre a linguagem, a precipitação e a imperturbabilidade da alma (*ataraxia*). Em um segundo momento exporemos como, graças à leitura de fontes cétricas como Diógenes de Laércio e Sexo Empírico, Montaigne recebe as considerações pirrônicas sobre a linguagem. Daremos conta de como as problematizações cétricas são empregadas de forma instrumental nos debates contra os protestantes e como a ausência da *ataraxia* no pensamento de Montaigne o leva a distanciar-se do pirronismo, gerando suas próprias reflexões linguísticas. Em um último momento, exporemos como as considerações de um mundo em constante movimento motivam Montaigne a elaborar um novo registro de escrita: o ensaio. Aqui, sustentaremos que o gênero ensaístico é um registro de escrita e um exercício filosófico onde se conjugam meditações sobre a linguagem, o autoconhecimento e o ceticismo pirrônico.

### **Pirronismo, linguagem e precipitação**

Podemos encontrar a preocupação com a linguagem no início do ceticismo<sup>275</sup>, com Pirro de Elis (ca. 360-270 a.C), considerado como o que melhor encarnou a orientação cétrica (HP, I, 7)<sup>276</sup>. Como Sócrates, Pirro não deixou nenhum escrito e foram seus discípulos, Tímon, Enesidemo e Numênio, que deixaram testemunhos de sua vida (DL, IX, 102) e das práticas filosóficas que o caracterizaram como “o primeiro que conseguiu que a atitude cétrica se fizesse autônoma em relação a qualquer concepção filosófica” (Román Alcalá, 2005, p. 38). Mas nessa autonomia também se registram ecos de outras propostas filosóficas. Os testemunhos contam que Pirro foi inspirado por vários filósofos gregos e teve a particularidade de conhecer os gimnosofistas da Índia, quando foi acompanhante nas viagens de Alexandre Magno (DL IX 61). Para nosso trabalho, destacaremos a proximidade que estudos como o de Chiesara (2007) encontram entre Pirro e Demócrito, no que diz respeito à indeterminação sobre o mundo. Demócrito considerava que tudo estava em constante movimento, já que “o universo é formado por átomos infinitos em número e forma [...] que se movem no vazio infinito dando origem a mundos

<sup>275</sup> Em nosso trabalho, empregaremos “ceticismo” como sinônimo de “ceticismo pirrônico”.

<sup>276</sup> Para as citações dos *Esboços pirrônicos*, de Sexto Empírico: HP, seguido de um algarismo romano que indica o livro e de um algarismo árabe que indica a linha. Para as citações textuais do Livro I, utilizaremos a tradução para português realizada pelo Dr. Rodrigo Pinto de Brito na sua tese de doutoramento, cujos detalhes constam no final do trabalho. Para as citações textuais dos livros II e III utilizaremos a tradução para espanhol realizada por Gallego Cao A. e Muñoz Diego T. para a editora Gredos, cujos dados constam também na parte final da nossa pesquisa.

infinitos e à infinita variedade dos fenômenos” (Chiesara, 2007, p. 24). De acordo com Chiesara, essa perspectiva pôde influenciar Pirro, se se considera que:

[...] as coisas por sua própria natureza não se diferenciam, as diferenciações que nós experimentamos com os sentidos e sobre as quais construímos nossas visões de mundo se reduzem à mera aparência, pelo que não tem sentido falar de verdade ou falsidade, como é dito na seguinte frase, ‘portanto, as sensações e as opiniões não são verdadeiras nem falsas’ (Chiesara, 2007, p. 24-25).

Como sustenta Román Alcalá (2005, p. 41), o ponto de partida do pirrônico é “evidentemente ontológico, pois a indeterminação ou incognoscibilidade das coisas, sua própria instabilidade como característica natural, impede que as sensações que temos delas ou os juízos que emitimos sobre elas sejam verdadeiros ou falsos”. Não podemos emitir juízos categóricos sobre as coisas, pois “pequeníssimas variações dos compostos são suficientes para criar aparências opostas” (Chiesara, 2007, p. 24). Esta “filosofia da inapreensibilidade” (DL IX 61) ficou registrada nos testemunhos de Diógenes Laércio, que mostram como os amigos de Pirro o protegeram de carruagens e penhascos porque “não evitava nem se importava com nada, mas enfrentava tudo, sem fazer caso de suas sensações” (DL IX 62). O alcance desta forma de vida, segundo Ascânio, o abderita, é “que nada é belo ou feio, nem justo ou injusto; além disso, que em todo caso nada existe de verdade e que todos os homens atuam por convenção ou costume, pois cada coisa não é mais isto que aquilo” (DLIX 61).

Essas apreciações conduziram Pirro a uma singular prática e relação com a linguagem: a *afasia*. Este termo não deve ser entendido como “ficar sem palavras”, mas como “não ter nada que dizer sobre as coisas” (Román Alcalá, 2005, p. 47). A *afasia* constitui em Pirro o ápice do sentido terapêutico de sua filosofia. Para o pirrônico, pronunciar-se dogmaticamente sobre o mundo causa perturbação. Sexto escreve que “quem opina que algo é bom ou mau por natureza perturba-se por tudo” (HP I 27). Quem afirma a existência de um bem por natureza se perturba quando carece daquilo que considera bom, se apressa a buscá-lo e se torna temeroso de perdê-lo uma vez que o encontra. Diante da indeterminação do mundo, a *afasia* de Pirro constitui um exercício contra a premeditação de pronunciar-se dogmaticamente frente aos fenômenos (HP I 20), pois “quem não determina algo sobre os bens ou males de acordo com a natureza... está sem perturbações” (HP I 28). Na proposta vital de Pirro, “não estamos diante de uma filosofia que nos obriga a eleger entre a inútil alternativa ética e gnoseologia, mas diante de um pensamento usado como higiene intelectual, como prática terapêutica que ajuda o homem no áspero caminho da vida” (Román Alcalá, 2005, p. 47).

Na obra de outros pirrônicos, como Sexto Empírico, a ênfase deixa de estar posta na *afasia* e se centra na suspensão do juízo ou *epoché*. Sexto entendeu que a *epoché* surge da contraposição das coisas “aparentes a aparentes, ou pensamentos e apensamento, ou alternadamente” (HP I 31). Sexto descreveu

o pirronismo como uma orientação vital (*agogé*), que se guiava pelo uso de diferentes *tropos* (HP I 35) que conduzem à suspensão do juízo. A ênfase que Sexto deu ao uso dos *tropos* para que a *epoché* fosse alcançada potencializou o sentido terapêutico do ceticismo que já se via em Pirro. Sexto entendeu o cético como um amante da humanidade (*φιλόανθρωπος*), que buscava curar a arrogância do dogmático (HP II 280). Nesse sentido, podemos entender o cuidado com a exposição dos *tropos*, pois em *Esboços pirrônicos*, se considera a problemática cética da enunciação e, sobretudo, da discussão. Essa preocupação particular obedece ao fato de que Sexto se encontrava em um momento histórico posterior ao “giro dialético” iniciado por filósofos como Enesidemo ou Agripa (Brochard, 2005), o que para muitos o colocava em um neopirronismo empírico e epistemológico (Chiesara, 2007; Dal Pra, 1975) afastado do estado “pré-dialético” representado pela figura de Pirro.

Sexto registrou o uso de certas expressões que permitiam ao pirrônico tanto comunicar seu sentir como debater com o dogmático: “não mais” (HP I 188), “não-asserção” (HP I 192), “tal vez”, “é possível”, “pode [ser]” (HP I 194), “suspendo o juízo” (HP I 196) ou “nada determino” (HP I 197). Reinoso (2025) entende essas expressões como uma espécie de relatório que permitia ao pirrônico formar parte do debate público sem cair em dogmatismos. As expressões céticas, em sintonia com o sentido terapêutico do pirronismo, eram entendidas como uma medicina que purificava o corpo de uma substância perigosa. Utilizadas contra um enunciado dogmático, logo se voltam contra si mesmas e se eliminam “à semelhança dos purgantes que, depois de ter feito a matéria ser evacuada, se evacuem também eles e se eliminam” (DL IX 76).

No entanto, seria um erro considerar esses cuidados linguísticos como a preocupação central do pirrônico. Sexto escreve que “a finalidade do ceticismo é a imperturbabilidade no que concerne à opinião, e o equilíbrio das afecções no que é inevitável” (HP I 25). O problema central do cético é a perturbação causada pela emissão de juízos sobre coisas não manifestas (HP I 13). É sobre essa precipitação o lugar onde as considerações da linguagem tomam sentido. Pensar que para o pirrônico todo problema filosófico é um problema de linguagem resulta anacrônico (Reinoso, 2025) e invisibiliza o aspecto ético dessa filosofia. Desse modo, a ausência de textos escritos pelo próprio Pirro não é estranha para uma orientação vital que buscava se exercitar na serenidade antes de se preocupar-se com uma doutrina escrita (Román Alcalá, 2005).

## **O ceticismo no século XVI: Montaigne leitor do pirronismo**

A recepção do ceticismo no século XVI ocorreu sob uma marca muito distante da abordagem terapêutica do pirronismo antigo (Basilico, 2012). Em sintonia com o que disse Richard Popkin, o pirronismo foi presente no século XVI em um debate profundamente dogmático: as dissertações sobre a “regra da fé”, empregada como critério para decidir sobre a verdade das escrituras (Popkin, 1983, p. 23). Atacando a infalibilidade papal e destacando-a como mera opinião, Lutero propôs que todos os cristãos possuem “o poder de discernir e julgar o que é justo ou injusto em matéria de fé” (Popkin, 1983, p. 23). Lutero apresentou, assim, um novo critério de conhecimento religioso: “a consciência está obrigada a crer que o que lê na Escritura é certo” (Popkin, 1983, p. 24). O conflito entre consciência, do lado reformista, e autoridade papal, do lado da facção católica, criou um cenário muito particular: para decidir qual dos critérios se deve usar, é necessário um terceiro critério para eleger entre os dois em disputa, e assim *ad infinitum*.

O problema sobre qual critério utilizar para julgar a verdade das escrituras foi o que causou, segundo Popkin (1983), o surgimento de um clima intelectual que propiciou a difusão do ceticismo pirrônico. Sexto Empírico, em seus *Esboços pirrônicos*, havia considerado o problema do critério nos mesmos termos em que se apresentou séculos depois:

[...] para que a disputa surgida em torno do critério fique elucidada, é preciso que tenhamos um critério que já esteja admitido, por meio do qual possamos elucidá-la. Porém, para que tenhamos um critério admitido, antes é preciso que a disputa em torno do critério esteja elucidada. E, assim, ao incorrer sua argumentação em um *tropo* do círculo vicioso, a descoberta do critério se torna problemática. Sem que nós os permitamos tampouco – hipoteticamente – escolher um critério. E fazendo-os cair em uma recorrência *ad infinitum*, desejam elucidar um critério com outro critério. Ademais, como a demonstração necessita de um critério já demonstrado e o critério se baseia em uma demonstração já elucidada, caem no *tropo* do círculo vicioso (HP II 20).

Ainda que Lutero tenha gerado um novo problema para sua época, a questão não era nova para a história do pensamento. O redescobrimiento de Sexto Empírico no início do século XVI proporcionou um arsenal de argumentos, crítica e ferramentas filosóficas que foram muito apreciadas por ambos os lados da contenda. No entanto, isto motivou tanto protestantes como católicos a empregar ferramentas pirrônicas com um sentido diferente do ceticismo antigo (Basilico, 2012): decidir de forma dogmática quem tem razão em matérias de fé e religião.

Foi sob esse clima de discussão que Montaigne leu as fontes pirrônicas. O primeiro contato de Montaigne com Sexto pode ser datado próximo ao ano de 1576. Neste ano, o filósofo francês mandou fazer uma medalha gravada com uma balança, símbolo pirrônico por excelência, com a frase “Que sais-je?” abaixo (Villey, 1908, p. 218). Em seu estudo sobre as fontes de Montaigne, Villey escreveu que não parece encontrar-se na biblioteca do filósofo francês uma cópia do *Contra mathematicos*, traduzido ao

latim por Hervet, em 1569. Portanto, parece que o único livro que Montaigne leu de Sexto Empírico foi a tradução ao latim de *Esboços pirrônicos*, que Henri Estienne realizou em 1562 (Villey, 1908, p. 218).

Ainda que Montaigne não tenha voltado a ler Sexto novamente após a primeira edição de seus ensaios, em 1580 (Villey, 1908, p. 218), o impacto que gerou a obra do pirrônico no filósofo francês foi tão grande que pintou na abobada central de sua biblioteca sentenças extraídas dos *Esboços pirrônicos*<sup>277</sup>: IVDICIO ALTERNANTE (alternando os juízos), ΕΠΕΧΩ<sup>278</sup> (me abstenho), ΑΚΑΤΑΛΗΤΩ (não compreendo), ΟΥΔΕΝ ΜΑΛΛΟΝ (nada é mais), ΑΡΡΕΠΙΩΣ (sem inclinação), ΣΚΕΠΤΟΜΑΙ (continuo investigando) y ΠΑΝΤΙ ΛΟΓΩ ΛΟΓΟΣ ΙΣΟΣ ΑΝΤΙΚΕΙΣΘΑΙ (frente a uma razão, outra razão do mesmo peso).

Há um ensaio de Montaigne onde a presença cética é abundante: a *Apologia de Raymond Sebond* (II XII)<sup>279</sup>. Alinhado com seu tempo, Montaigne mostra uma preocupação de ordem política quando considera que “a Reforma de Lutero começava a expandir-se e a abalar em muitos países as antigas crenças” (II XII 443). Sob esta tônica, os elementos céticos serão empregados para deter o avanço reformista que ameaçava corromper e alterar a ordem social<sup>280</sup>. Montaigne presta particular atenção à “observação da vida comum” (HP I 23) que Sexto Empírico realiza em sua obra. Se o pirrônico exercita uma vida sem proferir opiniões não fenomênicas, deve ter algum critério que o permita viver. Sexto menciona que esse critério “é o aparente” (φαivόμενον) (HP I 22) que orienta a viver sob “sujeição às convenções e também aos costumes” (HP I 22). Montaigne considera que a sujeição aos costumes proposta pelo pirronismo é uma consequência desejada, pois impede a mudança social que buscava o protestantismo (Tizziani, 2014). Essa ideia é reforçada em outros ensaios, como *Dos costumes e da inconveniência de mudar sem maiores cuidados as leis em vigor* (I XXII), em que o autor francês desconfia das mudanças sociais e da novidade política.

Neste contexto, Montaigne menciona o cuidado pirrônico com os enunciados, porque o critério protestante poderia ser considerado análogo a uma declaração sobre o não fenomenal. Enunciar que nossa consciência nos permite conhecer a Verdade Divina é realizar, em uma terminologia pirrônica, um

<sup>277</sup> A lista de frases, a sua tipologia e tradução foram retiradas da edição de Jordi Bayod de *Os Ensaios* para a Editorial Acantilado, cujos detalhes estão incluídos no final do trabalho. Para as citações e traduções das frases, Bayod remete para o trabalho realizado por Alain Legros em *Les Essais*, em 2007, para a Gallimard Éditions, em Paris, pp. 1311–1316.

<sup>278</sup> Para Montaigne, esta era a sentença mais importante do pirronismo (II XII).

<sup>279</sup> Para indicar as citações de *Os Ensaios* utilizaremos a partir de agora o seguinte método: indicaremos em numeração romana o livro de *Os Ensaios* a que pertence o texto selecionado, depois em numeração romana o número do ensaio escolhido e, em árabe, a página da edição de *Os Ensaios* traduzida para português por Sérgio Millet e com revisão técnica de Edson Querubini, cujos dados constam no final do trabalho.

<sup>280</sup> Para uma análise detalhada da *Apologia de Raymond Sebond* e do papel que desempenha no confronto entre católicos e protestantes, recomendamos a obra de Maia Neto. “O contexto religioso-político da contraposição entre pirronismo e academia na *Apologia de Raymond Sebond*” (Maia Nieto, 2012).

juízo sobre o conhecimento da natureza do bom. Aqui, Montaigne faz uso dos *tropos* que Sexto Empírico menciona para erodir a confiança e o conhecimento humano e com isso afetar o critério protestante de verdade. Nesse contexto, o filósofo francês descreve a orientação cética e recolhe as expressões para debate com os dogmáticos que Sexto havia detalhado:

[...] suas expressões habituais são: “não pretendo ter estabelecido que”, “não há mais razões para que seja assim do que de outro jeito”, “não percebo”, “as aparências são iguais em um caso como noutra”, “não há como falar mais a favor do que contra”, “nada parece verdadeiro que não possa parecer falso”. Sua palavra sacramental é “sustento”, isto é, “argumento, mas não vou além e não julgo (II XII 500).

No entanto, ainda que o filósofo francês reconheça as problemáticas linguísticas enunciadas pelo pirronismo, isso não significa que incorpore o cuidado cético em sua própria obra filosófica. Uma leitura de conjunto parece indicar que a presença de certos argumentos pirrônicos se limita exclusivamente a servir como ataque contra os protestantes. Enquanto o pirrônico se abstém de expressas opiniões dogmáticas, Montaigne não faz outra coisa em seus ensaios a não ser emitir juízos sobre todo tipo de personagens, temas e eventos. O filósofo francês, à parte o que cita na *Apologia*, não demonstra nenhum cuidado cético ao levantar suas considerações sobre o mundo. O que explica esta particularidade de Montaigne é a ausência da *ataraxia* em sua obra (Raga Rosaleny, 2019). O problema do pirrônico, como enunciamos antes, é a perturbação que gera uma afirmação não fenomênica em busca de uma vida serena e imperturbável (*ataraxia*). Para Montaigne, é impossível considerar alguma instância espiritual de imperturbabilidade porque o mundo (externo e interno) se encontra em constante movimento. Leituras como o *De rerum natura*, de Lucrécio, contribuíram para a consciência da infinitude (Bayod, 2013), que, junto com a chegada de Colombo na América, puseram em crise toda a estrutura estável da cultura de Montaigne<sup>281</sup>. A isso deve somar-se a disputa entre católicos e protestantes, que causou uma divisão entre opiniões de temas fundamentais para a vida, o que não se registrava desde a Idade Média (Burke, 1985, p. 9). Todas essas situações nos motivam a encontrar nos ensaios afirmações que se opõem a qualquer tipo de imperturbabilidade. “O mundo é movimento; tudo nele muda continuamente; a terra, as montanhas do Cáucaso, as pirâmides do Egito, tudo participa do movimento geral e do seu próprio; e a imobilidade mesma não passa de um movimento menos acentuado” (III, II, 760, grifo nosso). Portanto, diferentemente de Pirro ou de Sexto Empírico, Montaigne não tem como ideal ético a imperturbabilidade da alma, o que condiz com a constante atividade de abrir opiniões sobre qualquer tema ou situação nos

<sup>281</sup> Schiffman (1984) considera a educação como um fator importância na consciência sobre o movimento e o devir na obra de Montaigne. A educação do filósofo francês em sua estadia em La Guyena foi caracterizada por um ideal de tipo retórico, que ponderou a leitura de autores como Cícero e a argumentação *in utramque partem*. Esse tipo de ferramenta retórica consiste em aprender a argumentar com igual peso e seriedade para ambos os lados de uma disputa. Esse ensinamento, segundo as análises de Schiffman, colaboraram na gênese de um estado anímico dubitativo, que impediu Montaigne de tomar posições fixas sobre qualquer assunto por toda a vida.

*Ensaaios*. É por esse motivo que não se pode encontrar nos ensaios o cuidado pirrônico com as palavras que é observado nos *Esboços pirrônicos* ou nos testemunhos de Diógenes Laércio.

No entanto, cremos que é possível encontrar um vínculo entre pirronismo e linguagem em Montaigne. A seguir, exibiremos como o ensaio é um gênero de escrita que permite a Montaigne vincular ceticismo e linguagem (Oyarzún Robles, 2023).

### **O ensaio como gênero cético**

O autoconhecimento é o tema principal dos ensaios: “assim, leitor, sou eu mesmo a matéria desse livro” (*Ao leitor*, p. 40). Em sua busca, Montaigne encontra a dificuldade que escrever sobre si mesmo supõe: “Não posso fixar o objeto que quero representar: move-se e titubeia como sob o efeito de uma embriaguez natural. Pinto-o como aparece em dado instante” (III, II, 760). O conhecimento de si que Montaigne tenta retratar só pode ser captado em um instante: enquanto escreve sobre si. Após esse momento, como tudo na reflexão de Montaigne, se encontra “em perpétua transformação e movimento” (II XII 586). Montaigne reconhece nessas reflexões sobre a escrita e o autoconhecimento que a linguagem pode dar estabilidade ao conhecimento de si, porém somente no instante em que se escreve sobre si. A linguagem se encontra afetada pelo constante devir do mundo. É uma ferramenta útil para a vida humana, porém não pode dar conta de questões eternas como o Ser ou a Divindade (II, XII). O reconhecimento do constante devir do mundo e de si mesmo impulsiona Montaigne a considerar a necessidade de um novo registro de escrita. Enquanto a tradição filosófica se concentrava no discurso, enfatizando o universal, o eterno e o permanente, Montaigne idealizou uma escrita oposta, capaz de enunciar o devir, o contingente e o particular (Adorno, 1962).

Considerando esse ponto, Montaigne realiza um hiato entre as verdades humanas e as divinas (II, XII). O caráter eterno da Verdade Divina a coloca em um lugar impossível de ser atingido para um ser humano que só pode captar o movimento e o devir. No entanto, isso não coloca Montaigne em um tom próprio ao academicismo que nega a possibilidade de atingir a verdade (HP, I, 2-3). Em contraposição à Verdade Eterna, Montaigne sugere, no início de sua obra, um novo critério de verdade: a *boa-fé*. O filósofo francês começa seus ensaios com a seguinte frase: “Eis aqui, leitor, um livro de boa-fé” (*Ao leitor*, 39). Seguimos Miernowski (2015, p. 544) quando menciona que na França do século XVI, como na cultura jurídica romana<sup>282</sup>, “boa-fé” não era sinônimo de verdade, mas se referia a uma atitude subjetiva em relação ao que alguém considerava verdadeiro e, mais importante, declarava sê-lo. Se uma

<sup>282</sup> Como pode ser observado em Cícero: *De officiis* 3, 61; *Institutes* II, i, 35.

pessoa, por exemplo, arrendasse um campo de boa-fé de alguém que se dizia dono, se o futuro mostrasse que tudo não passava de uma farsa, ela poderia ficar com a colheita produzida na terra, pois o acordo foi mediado por uma ‘boa-fé’. A boa-fé implicava uma cláusula de verdade onde o fundamento não é a correspondência com alguma realidade imutável, mas se centrava em termos de uma verdade dada pela confiança. No caso dos ensaios, portanto, a verdade se centra na confiança que Montaigne compartilha com seu leitor (Miernowski, 2015, p. 545). A escrita de Montaigne, então, deve ser entendida a partir de um sentido que se separa da pretensão da verdade absoluta, porém, por sua vez, ele busca uma cumplicidade com o leitor fazendo-o saber que “vivos se exibirão meus defeitos e todos me verão na minha ingenuidade física e moral” (*Ao leitor*, p. 39). O objetivo de Montaigne é escrever sobre si mesmo e, com essa intenção, solicita ao leitor que acredite em suas narrações. Ao estar orientado para um trabalho de autoconhecimento, onde se narram práticas e sentimentos profundos, o ponto central da escrita de Montaigne não é epistemológico, é ético (Miernowski, 2015, p. 559).

Essas reflexões dão origem ao gênero ensaístico no século XVI. A palavra “ensaio” provém do francês “*essai*”, que, por sua vez, remete ao latim *exagium*, termo que inicialmente se referia à ação de “pensar algo”. Com o passar do tempo, adquire no francês do século XVI conotações como “prova”, “exercício” ou “busca”. “Ensaiar” é, portanto, um tipo particular de busca e exercício. Montaigne centrará esse exercício em uma atividade concreta: o autoconhecimento. Como indica ao início da sua obra: “sou eu mesmo a matéria deste livro” (*Ao leitor*, 40). Dessa afirmação se depreendem duas questões: por um lado, o ensaio está centrado no autoconhecimento e, por outro, o saber de si está ligado a um registro de escrita. O conhecimento de si implica uma atividade de escrita que, como antes mencionamos, se torna problemática: “não posso fixar o objeto que quero representar: move-se e titubeia como sob o efeito de uma embriaguez natural” (III, II, 760). Montaigne descobre que escrever sobre si mesmo é uma atividade em constante desenvolvimento: “Se minha alma pudesse fixar-se, eu não estaria hesitante” (III, II, 760). O ensaio é, portanto, uma escrita permanente.

É aqui que traçamos um vínculo entre pirronismo e escrita em Montaigne. Sexto Empírico escreve nos seus *Esboços pirrônicos* que o cético também era conhecido como *zetético* por seu constante empenho em buscar a verdade (*zétesis*) (HP, I, 3). Enquanto o dogmático crê haver alcançado a verdade, a busca do pirrônico é constante. Aqui, a analogia com Montaigne se torna clara. Igual ao pirrônico, Montaigne propõe uma investigação permanente sobre o autoconhecimento. O filósofo francês reinterpreta o pirronismo modificando o sentido da investigação ou *zetezis* cética: já não se disputa a verdade sobre o mundo, mas sim sobre si mesmo (Smith Junqueira, 2012). O ceticismo em Montaigne se distancia de certas considerações pirrônicas, porém se reapropria do seu sentido mais próprio: entende

o ceticismo como uma orientação vital (*agoué*) de busca permanente. Aqui, nos diferenciamos das interpretações parciais do ceticismo (cf. Popkin, 1983; Villey, 1908) que situam a presença pirrônica em Montaigne somente no livro II de seus ensaios, e em particular no texto *Apologia de Raymond Sebond*. Para nós, o filósofo francês considera o ceticismo como inseparável da busca de si mesmo, tarefa central de sua obra.

Em suas considerações sobre escrita e conhecimento de si, Montaigne reconhece que o ser humano tende à vaidade. Exercitar o autoconhecimento, com o registro pleno das vivências físicas e psicológicas, põe o ser humano diante de uma imagem de si muitas vezes precária e em condições inferiores frente à exuberante e poderosa vida do reino natural. Nossa condição nos coloca em risco permanente de sofrer. Montaigne encontra certa tendência humana a negar essa precariedade. Nos resulta intolerável aceitar nossa condição finita, e muitas vezes criamos falsas imagens de nós mesmos. Essa atividade se vê potencializada quando a razão intervém. Em ensaios como *Apologia de Raymond Sebond*, Montaigne considera que a razão é dócil e acomodável a todos os vieses e medidas (II, XII, 555). Essa faculdade era, para o filósofo francês, um instrumento vinculado à sobrevivência humana (Birchal, 2006), que podia reforçar com argumentos nossa tendência à vaidade e, inclusive, dar-lhes a ditas falácias o petulante nome de “filosofia”<sup>283</sup>.

A consequência de corromper o autoconhecimento com a vaidade gera enfermidades entendidas nos ensaios como “males imaginários”. Em textos como *A força da imaginação* (I, XXI), Montaigne considera que o simples fato de imaginar uma doença pode causá-la. Ele escreve que um de seus amigos, pelo simples fato de ter ouvido que uma pessoa padecia de impotência sexual, também começou a sofrê-la. Desse exemplo podem sair várias conclusões<sup>284</sup>, porém, para o nosso trabalho, centraremos em que “na mente humana, juízo e imaginação se misturam, se influenciam e nunca realizam suas atividades de um modo absolutamente independente” (Navarro Reyes, 2005, p. 88). Se a mente não pode diferenciar juízo e imaginação, pensar que algo mal sucede nos perturba da mesma forma de que se tivesse sucedido: “Uma imaginação fortemente preocupada com um acontecimento pode provocá-lo”, dizem os clérigos” (I, XXI, 136). É aqui que as reflexões sobre vaidade, escrita e autoconhecimento em Montaigne estão em sintonia com o pirronismo.

O cético considerava que “quem opina que algo é bom ou mau por natureza perturba-se por tudo” (HP, I, 27). Ao sustentar a existência de um bem por natureza, nos perturbamos quando não o possuímos e tememos perdê-lo uma vez encontrado. Essa meditação pirrônica encontra um eco em Montaigne,

<sup>283</sup> Montaigne critica em ensaio como *O pedantismo* (XXV) ou *A educação das crianças* (XXVI) como a vaidade corrompeu a atividade filosófica e a distanciou de seu sentido ético originário.

<sup>284</sup> Entre elas, que para Montaigne a imaginação desempenha um papel fundamental na empatia (Navarro Reyes, 2005).

quando este entende que cessar a prática de autoconhecimento pode nos levar a emitir juízos que podem perturbar-nos. A própria experiência de Montaigne diante da ética estoica é uma mostra disso. No livro I dos ensaios, publicado em 1580, o filósofo francês se mostra amável com a proposta ética do controle das paixões. No entanto, isso muda no III livro, que veio à luz em 1588. Aqui, Montaigne já não considera viável a ética estoica e entende que as paixões não podem ser controladas (Navarro Reyes, 2004). O que motivou essa mudança em sua perspectiva foi a dor com que padeceu em sua vida adulta por causa de cálculos nos rins. O mal-estar físico dos cálculos nefríticos se potencializava quando tentava exercitar, sem êxito, sua mitigação. O mal físico, então, era acompanhado de outro mal: a dor “imaginária” causada por tentar controlar o que estava fora de si. O ser humano não é capaz de exercer controle sobre suas paixões, de modo que o francês considerou abordagens terapêuticas alheias ao estoicismo para tratar suas doenças. Portanto, e em sintonia com o cuidado pirrônico, sustentamos que, para Montaigne, realizar juízos sobre nós mesmos nos pode conduzir à perturbação do ânimo graças aos males imaginários que eles produzem. Vale marcar que, se tanto o pirrônico como Montaigne estão motivados por uma preocupação de tipo ética, o cético antigo põe o acento no cuidado frente aos juízos sobre a verdade do mundo, enquanto Montaigne centra sua atenção no problema da verdade sobre si mesmo: o autoconhecimento

Da mesma maneira que a *zétesis* antiga evitava o pronunciamento sobre o mundo para não causar perturbações, afirmamos que Montaigne retomou a tônica terapêutica do pirronismo no ensaio ao considerar que o exercício constante do autoconhecimento nos impede emitir juízos que nos causem perturbações imaginárias. O exercício ensaístico se apropria, portanto, da tônica médica de um ceticismo que aparece na obra de Montaigne como uma liberação do espírito e uma purificação dos males causados pela imaginação (II, XII). O exercício de escrever sobre si, tal qual purgante, expulsa do corpo o mal gerado por não nos conhecermos em demasia. Sustentemos, então, que o ensaio adquire a tônica de uma habilidade no sentido cético (*δύναμις*) (HP I 4), que não aporta nenhum juízo positivo sobre quem somos, mas exercita a terapia cética por meio da qual a identidade se mostra como uma pergunta aberta (Raga Rosaleny, 2010), porém, também, como uma prática de autotransformação. Ensaiar o autoconhecimento é também estar aberto à contemplação de novas formas de ser e entender-se como parte da infinita mudança que é o mundo. Escrita, filosofia e autor não estão separados no constante exercício do ensaio: “fez-me o meu livro, mais do que eu o fiz; e autor e livro constituem um todo” (II, XVIII, 642).

## Conclusão

Em nosso trabalho, argumentamos que o gênero ensaístico iniciado por Montaigne representa um ponto de contato entre sua apropriação da filosofia pirrônica e seu labor literário. Destacamos que no pensador francês ocorre uma apropriação do caráter terapêutico do pirronismo antigo temperado com uma reflexão inédita sobre a linguagem e o mundo, alheia à antiguidade. Exibimos como Montaigne lê o cuidado pirrônico sobre a linguagem, porém, toma um caminho diferente da *ataraxia*: não é possível uma imperturbabilidade em um mundo que muda constantemente. O filósofo francês reconhece a importância do pirronismo e se apropria dos seus sentidos terapêuticos, dando origem assim ao ensaio, um gênero de escrita que se encontra em sintonia com a forma de investigação pirrônica ou *zétesis*. O autoconhecimento, a tarefa própria aos ensaios, não se detém nunca diante do fato de que o mundo interno também é afetado pelo constante devir. O resultado é uma investigação sempre aberta, que combate as falsas imagens sobre o humano, que criam a vaidade e o mau uso da razão. Mostramos com argumentos e citações do próprio Montaigne como literatura e filosofia não são duas dimensões separadas para este autor, mas representam uma fusão ética que entende a escrita como uma prática indispensável para levar a cabo uma máxima que tem suas origens nos primórdios mesmos da filosofia: o conhece-te a ti mesmo.

### Referências bibliográficas

- Adorno, T. W. “El ensayo como forma”. In: *Notas de literatura*. Madrid: Akal, 1962, 11-36.
- Basilico, B. (2012).” Marin Mersenne, Henri Estienne y el redescubrimiento de las Hipotiposis Pirrónicas de Sexto Empírico”. In: *Tradición clásica y Filosofía moderna*. Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 2012, 71-86.
- Bayod, J. (2013). “Montaigne y la inmensidad Del mundo: «Una perpetua multiplicación y vicisitud de formas»”. *Endoxa*, 2013, vol. 1, N° 31, 321–348.
- Birchal, T. de S. “Fé, razão e crença na apologia Raymond Sebon: somos cristãos como somos perigordinos ou alemães?” *Kriterion*, 2005, vol. 46, N° 111, 44-54.
- Brochard, V. *Los escépticos griegos*. Quinteros V. (trad.) Buenos Aires: Losada, 2005.
- Burke, P. *Montaigne*. Vidal Peña (trad.). Madrid: Akal, 1985.
- Chiesara, M. L. *Historia del escepticismo griego*. Pedro Bádenas de la Peña (trad.). Madrid: Siruela, 2007.
- Dal Pra, M. *Lo scetticismo greco*. Bari: Laterza, 1975.

- Liliana Carolina Sánchez Castro, L; Correa Motta, A. “Diógenes Laercio IX 61-116: Pirrón y los pirrónicos”. *Ideas y valores*, 2013, vol. LXII, N° 151, 215-238.
- Maia Nieto, J. R. (2012). “O contexto religioso-político da contraposição entre pirronismo e academia na «Apologia de Raymond Sebond»”. *KRITERION*, 2012, vol. 53, N° 126, 351-374.
- Miernowski, J. (2015). “Montaigne on truth and skepticism”. Desan Philippe (edit.). In: *The Oxford Handbook of Montaigne*. New York: Oxford University Press, 2015, 544-561.
- Montaigne, M. *Ensaïos*. Milliet, S. (trad.). São Paulo: Editora 34, 2023.
- Montaigne, M. *Los Ensayos*. Jordi Bayod Brau J. (trad.). Barcelona: Acontilado, 2018.
- Navarro Reyes, J. “El problema del dolor en Montaigne: De la apatía a la indolencia”. In: *III Jornada de Medicina y Filosofía*. Sevilla: Kronos editores, 2004, 193-207.
- Navarro Reyes, J. *La extrañeza de sí mismo. Identidad y alteridad en Michel de Montaigne*. Sevilla: Fénix, 2005.
- Oyarzún Robles, P. “Montaigne: Escritura y escepticismo”. *Diálogos*, 2003, N° 81, 341–363.
- Pinto de Brito, R. *Sobre a noção de linguagem subjacente ao ceticismo pirrônico sextiano: Um estudo do livro I de Esboços Pirrônicos, de Sexto Empírico, acompanhado de tradução e de uma investigação teórico-metodológica*. Juiz de Fora. 262. Tesis de doctorado en lingüística. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2024.
- Popkin, R. H. *La historia del escepticismo desde Erasmo hasta Spinoza*. Utrilla J. J. (trad.). México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- Raga Rosaleny, V. “Montaigne y escepticismo: La skepsis en Los Essais”. *Cuadernos Salmantinos de Filosofía*. 2010, vol. 37, 5-41.
- Raga Rosaleny, V. “¿Montaigne escéptico? La influencia de Pascal en nuestra comprensión de Los ensayos”. *Ideas y Valores*. 2019, vol. 171, 59-80.
- Reinoso, G. “Linguistic Pyrronism: Self-Destruction, Dogmatic Assertions, and Skeptical Expressions”. *Revista Enunciação*. 2025. Estado: en prensa.
- Román Alcalá, R. “El escepticismo antiguo: Pirrón de Elis y la indiferencia como terapia de la filosofía”. *Δαιμόνιον. Revista de Filosofía*. 2005, vol. 36, 35-51.
- Schiffman, Z. S. “Montaigne and the rise of Skepticism in Early Modern Europe: A Reappraisal”. *Journal of the history of ideas*. 1984, vol. 45, N° 4, 499- 516.
- Sexto Empírico. *Esbozos pirrónicos*. (Gallego Cao A., Muñoz Diego T. (trads.). Madrid: Gredos, 2017.
- Smith Junqueira, P. “O método cético da oposição e as fantasias de Montaigne”. *Kriterion: Journal of Philosophy*, 2012, vol. 53, N° 126, 75-395.

Tizziani, M. “Nada que temer de ese pensamiento: Montaigne, pirronismo y Reforma”. *Ideas y Valores* 2014, vol. 63, N° 156, 207-221.

Villey, P. *Les Sources et L'Evolution des Essais de Montaigne: Vol. I*. París: Hachette, 1908.